

Andressa
Rezende Boel¹

Reflexões sobre o ativismo dissolvido no contexto de *Plante na Praça*: jardim colaborativo em ambiente urbano

Reflections about the activism
dissolved on the context of
Plante na Praça: collaborative
garden in urban environment

Réflexions sur l'activisme dissolu
dans le contexte de *Plante na
Praça*: jardin collaboratif en
milieu urbain

Resumo

O *Plante na Praça* é uma ação artística cotidiana, líquida, fragmentária, coletiva, anônima, que modifica espaços partilhados. Por ter sido construída por vários colaboradores e por eles contribuírem continuamente, em seus diferentes períodos de disponibilidade, a ação política coletiva é fortalecida, pois todos trabalham para o mesmo fim, o bem comum da praça. A reflexão sobre o caráter ativista da ação permitiu aproximações entre o trabalho do artista e do etnógrafo e ainda explorar conceitos, tais como: Ação política e Liberdade, de Arendt, Dissenso e Emancipação, de Rancière; Devir, de Deleuze e Guattari; Micropolíticas por Guattari e Rolnik; Invenção do cotidiano e Antidisciplina, de Certeau.

Palavras-chave: Site-specific art; Arte Colaborativa; Arte Urbana; Ativismo.

Abstract

Plante na Praça is an artistic action of daily life. This project was liquid, fragmentary, collective, anonymous, finally modifying shared spaces. Because this action was built by various collaborators and has contributed continually to them, it enhances the collective and political action. Everyone involved work towards the same end, the common good of the square. The reflection about the activism of the action allowed approximations between the work of the artist and the ethnographer and also explore the concepts of Political Action and Freedom, by Arendt; Disagreement and Emancipation, by Rancière; becoming, by Deleuze and Guattari; Micropolitics by Guattari and Rolnik; The practice of everyday life and Antidiscipline, by Certeau.

Keywords: Site-specific Art; Collaborative Art; Urban Art; Activism.

Résumé

Plante na Praça est une action artistique quotidienne, liquide, fragmentaire, collective et anonyme qui modifie les espaces partagés. Parce qu'elle a été construite par de nombreux collaborateurs et contribue continuellement à leurs différentes périodes de disponibilité, l'action politique collective est renforcée car tous travaillent dans le même but, le bien commun de la place. La réflexion sur le caractère activiste de l'action a permis de rapprocher le travail de l'artiste et de l'ethnologue et d'explorer des concepts tels que: Action politique et liberté, de Arendt, Dissent and Emancipation, de Rancière; Devir, de Deleuze et Guattari; Micropolitique de Guattari et Rolnik; Invention de la vie quotidienne et de l'antidiscipline, par Certeau.

Mots-clés: Site-specific art; Art collaboratif; Art urbain; Activisme.

¹ Artista. Pesquisadora em artes e discente no Curso de Doutorado em Artes Visuais da Unicamp. andressa.boel@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1150769281524957>
ORCID 0000-0001-9851-2108.

1. Introdução

A arte sempre esteve intimamente ligada à política. Ela serviu e serve aos poderosos, aos religiosos, aos partidários, aos ativistas, aos anônimos, carregando uma mensagem direta e incisiva ou podendo se comprometer a um conceito próprio, de maneira metalinguística. Neste último, muitas vezes, a política pode estar em “entender o que é arte, e não contentar-se em utilizá-la tendo em vista um certo resultado” (KOSUTH, *apud* HUCHET, 2012, p. 35). Portanto, a arte é sempre política, por emergir diretamente do sistema de cultura e por estar diretamente embutida em um contexto passível de vários pontos de vista discutíveis, mesmo quando não tematiza a política.

Para Szaniecki (2012, p. 40) o conceito de ação política¹, proposto por Arendt e a performance artística possuem duas principais semelhanças, a primeira é a condição de atividade artística sem a materialidade física, e a segunda a necessidade de possuir um “espaço publicamente organizado”. Apesar de não ser puramente performático, mas contar com minha presença diária enquanto artista durante a ação, *Plante na Praça* foi realizado aos moldes de um *site specific* discursivo, onde se investiu nas relações inter-humanas entre os participantes da ação. É justo nessa medida que o trabalho toca o social e o político, questão que se mostrou incontornável em todo esse processo.

2. Plante (n)a Praça: a prática poética em site

Após uma escuta prévia das possíveis praças que poderiam hospedar a semente dessa ação, escolhi a Praça Said Chacur. Essa anfitriã possuía algumas modificações já iniciadas, tais como torneiras e um banco de madeira, instalados “caseiramente” por moradores do entorno. Interpretei esses indícios como demandas da comunidade por “domesticar” esse espaço, já que essa carência não era atendida pela infraestrutura disponível. Além disso, a praça possuía um vasto espaço sem planejamento paisagístico, aos olhos desavisados poderia ser interpretado como um terreno abandonado devido à quantidade de lixo espalhado por todo o gramado ou mato mal aparado.

Para obter esses diagnósticos prévios, em certa medida, minha presença na praça já começava a ser frequente. Comecei passar mais tempo na praça, a ler, a comer... e a iniciar diálogos com os frequentadores em diferentes períodos e dias da semana, sempre fazendo escutas e anotações sobre qual é o público frequentador, seus horários, questionava sobre os desejos e projeções que se fazia sobre o funcionamento e uso da praça e especulava se receberia contribuições caso iniciasse lá mesmo o plantio de girassóis.

Tendo a Praça Said Chacur e seu contexto como lugar definido, iniciei o plantio de oito canteiros de girassóis. Uma das estratégias para cativar os frequentadores dessa praça foi a escolha da planta. O girassol é uma flor enigmática que brinca com

¹ De acordo com Arendt a ação é a “única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não Homem, vive na Terra e habitam o mundo.” Ela acrescenta que “todos os aspectos da condição humana tem alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição [...] de toda vida.” (ARENDR, 1987, p. 15).

nossa imaginação, por estar sempre direcionada para o sol durante o giro da terra. Além disso, é uma flor bastante chamativa pelo seu tom de amarelo forte e brilhante. É grande e de desenvolvimento rápido, seu ciclo de vida é de aproximadamente três meses (Figura 1).

Enquanto motivadora da ação passei a frequentar a praça diariamente, às vezes em mais de um período do dia. Durante o plantio dos girassóis, adubação e rega, eu convidava as pessoas para cuidar dos girassóis, conversava sobre o dia, a vida e as motivava a plantar sementes do que gostariam de ver crescer naquele espaço de partilha, seja essas “sementes” de plantas ou de possíveis usos variados do espaço. Assim como os canteiros de girassol, cada ação/canteiro criado nessa parceria que se efetivava, era feita uma placa (Figura 2). A mensagem contida na placa normalmente era sugerida pelo feitor dessa nova parceria ou criada por mim a partir de algum estímulo que nossa conversa/ação gerava.

Assim como qualquer planta necessita de cuidados, água e adubo, o *Plante na Praça* precisa ser alimentado por pessoas ativas, que se disponibilizam a (com)partilhar o espaço, a mexer com a terra, pôr em prática suas ideias e contra-usos e, que além de doar seu tempo e boa vontade, corra o risco de receber reprovações da vizinhança. Todos os difusores de sementes, polinizadores, participantes ou testemunhas oculares desse processo partilham da autoria da ação e a repassam, desde os anônimos no processo até os mais frequentes na domesticação da praça, muitas vezes presentes de maneira não contínua, mas igualmente significantes para a manutenção da ação artística.



Figura 1: Canteiro de girassóis. Detalhe de *Plante na Praça* em 2014. Fonte: Acervo pessoal.

Quando germinou, o *Plante na Praça* parecia ser bastante frágil. Com o passar dos dias começaram a surgir os primeiros brotos, e a “planta” que parecia frágil se alastrou para os quatro cantos do jardim, como as raízes entrelaçadas do gramado da praça. Entrou na vida cotidiana de cada um dos que foram tocados pela ação e decidiram iniciar seu próprio ciclo, propor contra-usos coletivos ou frequentar mais o espaço e participar dessa aventura.



Figura 2: Canteiro recém plantado. Detalhe de *Plante na Praça* em 2014. Fonte: Acervo pessoal.

O *Plante na Praça*, as ações, as plantas em geral e os girassóis recebiam o calor do sol e a cada dia foram se tornando mais vigorosos, e com isso uma nova praça era (im)plantada pelos frequentadores e colaboradores.

3. Escuta do lugar, do contexto e o (im)Plante (n)a Praça

Aproveitar-se de muitos dos métodos utilizados nos estudos dos antropólogos já se tornou algo comum em trabalhos de arte atuais que lidam com a construção contextual e coletivizada. Os artistas se servem, por exemplo, de entrevistas, fazem observação de campo, analisam o noticiário da imprensa local. O artista-propositor se serve da escuta dos moradores da região onde intervém, faz emergir a opinião do outro. Dessas investigações surge toda a carga política que contamina o artista e, conseqüentemente, o trabalho que nasce da ligação entre ele e a comunidade. A principal diferença entre o trabalho do antropólogo e do artista é que o primeiro se dedica a descrever a estrutura da realidade, fazer diagnósticos para ajudar a modifi-

cá-la ou (re)construí-la. O segundo não se propõe a quantificar dados, prefere lidar com a realidade de maneira subjetiva, se propõe a refletir sobre ela e espera que em conjunto com a comunidade construa uma ação executável, que seja algo vivo e que continue a desencadear tal reflexão em outras pessoas.

Ao lidar diretamente com a realidade, com as relações sociais que pairam sobre as estruturas físicas do espaço, o artista se envolve diretamente com a comunidade, “dirige-se a um sujeito social marcado pela diferença étnica, econômica, política e sexual” (FREIRE, 2006, p.107). Para construir o trabalho o artista trabalhará no campo das intersubjetividades, dessa maneira, não é a disposição dos objetos que vai definir o espaço, mas o espaço e a comunidade é que vão definir a estrutura usada no trabalho de arte.

Entretanto, o artista deve se manter atento quanto à sua ligação com a comunidade, “a alterização do eu é sem dúvida fundamental para as práticas críticas na antropologia, na arte e na política” (FOSTER, 2014, p.168); não se pode assumir a identidade da comunidade para que não exista mecenato ideológico, mas o proponente também não pode se desligar dela totalmente, para que existam congruências e afinidades. Segundo Foster (2014), se reconhecer e ser reconhecido como outro, diferente da comunidade com quem se envolve é essencial para que se estabeleça uma ação transformadora.

4. Ação: brotar

A política corresponde ao espaço de diálogo e de negociação entre diferentes, onde surge a palavra e a ação. A espontaneidade dessa vivência, da experiência do público, pode permitir o aparecimento da liberdade. Segundo Arendt (1999, p.8) “a política baseia-se no fato da pluralidade dos homens”, ela deve, portanto, organizar e regular o convívio de diferentes, não de iguais”.

É por meio da ação e do discurso que os homens manifestam suas opiniões. Para Arendt (1987) esses meios correspondem à singularidade de cada homem, é a efetivação da condição humana plural, “viver como ser distinto e singular, entre iguais” (ARENDR, 1987, p.191). A ação está ligada ao nascimento, ao brotar, movimento de início ou de quando se começa algo novo, pode ser “útil para fins de autodefesa ou satisfação de interesses” (ARENDR, 1987, p. 192). Finalmente, a política, para Arendt (*apud* KOHN, 2010), é útil para que o homem defenda seus direitos na vida em sociedade, para que exerça seu poder e conquiste sua liberdade no âmbito da vida pública, sua emancipação.

De acordo com Arendt (1987), o totalitarismo é resultado da ausência de ação, ausência de participação na esfera pública. Ao contrário disso, a liberdade é a existência de debates públicos e ação do homem, juntamente com seus iguais na pluralidade da sociedade, para impedir que sua dignidade seja infringida quando

[...] decisões que lhe afetam são tomadas sem sua participação [...]. Não são, pois, os consensos impostos que nos levam a decidir a correção de uma lei ou a mudança de um governo, mas sim aqueles que surgem da ação comuni-

cativa entre cidadãos que assentiram porque se convenceram de tal decisão se justifica plenamente (KOHN, 2010, p. 63).

Por fim, a ação é uma mobilização social em busca de direitos, que surge a partir do dissenso, da discussão entre os cidadãos. E é por meio da ação que os cidadãos obtêm a liberdade. Tendo em vista esses conceitos levantados por Arendt (1987), entendendo que o *Plante na Praça*, enquanto ação artística, propõe primeiramente que o participante examine atentamente as características do espaço que frequenta; se pergunte se a comunidade foi questionada sobre a construção do que lá existe ou se é questionada quanto a sua satisfação por aquela estrutura; imagine possibilidades de reorganizar o local de maneira que seja mais atrativo ou agradável para a vivência. Em segundo lugar, incentiva o diálogo entre os vivenciadores da ação e o debate dessas questões com intenção de interferir na ordem consensual sobre as estruturas, o aproveitamento e as possibilidades de usufruir da praça. Por fim, objetiva que os participantes (im)plantem, construam “coisas” em conjunto, que tenham autonomia para fazer pelo menos mudanças simples em seu cotidiano na praça, no espaço que partilham, independente dos poderes que estão sobrepostos no local.

5. A prática do dissenso

Apesar de existir desde a década de 1980, a Praça Said Chacur, não possui uso instituído aparente. Os lotes gramados são extensos, com algumas árvores nativas distribuídas, sem projeção paisagística. Embora não possua atrativos para que as pessoas desfrutem do local, do ponto de vista de infraestrutura, a praça é bastante frequentada: apesar de não possuir quadras, existem jogos; apesar de não ter uma pista de caminhada ou aparelhos de ginástica, a calçada é amplamente utilizada para corridas e caminhadas; apesar de não possuir um parquinho ou brinquedos, a praça é frequentada por crianças. Esses exemplos revelam a carência de espaços públicos de uso coletivo.

Constato que as praças periféricas de Uberlândia, assim como em outras cidades, vêm sofrendo descaso com relação aos poderes públicos. Muitas delas não possuem planejamento, e o que faz a existência delas é a demarcação de quarteirões ou lotes com, no máximo, o calçamento lateral. A existência da Praça Said Chacur desde a década de 1980 e sua imutabilidade estrutural nos leva a concluir que, além da não atuação da prefeitura, existe uma aceitação e um consenso na população de que não existe a necessidade de atuarem para adaptações físicas e necessidades de uso da praça. Entendemos que o consenso significa

[...] acordo entre sentido e sentido, ou seja, entre um modo de apresentação sensível e um regime de interpretação de seus dados. Significa que, quaisquer que sejam nossas divergências de ideias e aspirações, percebemos as mesmas coisas e lhes damos o mesmo significado [...] (RANCIÈRE, 2012, p. 67).

Onde há consenso, há aceitação ou desarticulação e inexistência de diálogo ou discussões para a possibilidade de se operar mudanças. Entendemos o dissenso

como a possibilidade da existência de ideias divergentes, diferentes opiniões, sentidos e pontos de vista tendo em relação o mesmo assunto ou o mesmo “sentido”. Para Rancière (2012), o dissenso é um conflito de vários regimes de sensorialidade, a quebra de fronteiras, em que o espectador constrói seus próprios sentidos no estabelecimento da sua emancipação.

Guardadas as devidas distâncias, pois Rancière (2012) trata da figura do espectador e aqui falamos dos usuários da praça, o dissenso que se observa em *Plante na Praça* está na possibilidade de criarmos usos de acordo com as nossas demandas pelo espaço, não aceitar o (não) uso instituído. O *Plante na Praça* sugere emancipação dos frequentadores em relação a enxergar que este espaço de partilha está aberto (até pelo seu abandono) para as diversas possibilidades de uso. Descobrir que esse espaço pode estar sendo utilizado aquém do seu potencial já que nós somos os principais vivenciadores do local e deveríamos expor nossas necessidades e desejos.

Nesse sentido, me insiro como artista-propositora e frequentadora da praça que cria situações de estranhamento em relação aos seus usos convencionais, principalmente no que tange ao aproveitamento da terra. Foram feitos convites aos frequentadores para plantar na praça ou realizar ações que eles desejassem, no sentido de buscar, por meio de ações comunicativas, mesmo que divergentes, uma emancipação de papéis. Modificar a praça ou o ambiente de convivência levou o frequentador da praça da posição passiva de aceitação para a posição atuante, modificador de sua própria realidade.

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição (RANCIÈRE, 2012, p. 17).

Percebo que a emancipação pode acontecer principalmente de duas maneiras dentro do *Plante na Praça*: quando se descobre que se pode intervir no espaço partilhado da cidade; e quando são ativadas novas maneiras de se intervir no local, a criação de um novo ciclo autoral, a partir do desejo próprio do participante.

Ao estimular os contra-usos² relacionados ao plantio, fui apanhada pelos autores colaboradores. Enquanto eu estimulava a plantação, que para mim se fazia o mais urgente, fui surpreendida inicialmente pela emergência de frequentadores que optaram por cuidar da limpeza da praça, instalando lixeiras, outros apresentaram solução para a escuridão de uma parte da praça, por outros que preferiram estimular a leitura (Figuras 3 e 4).

O que motivou a abertura do *Plante na Praça* a incentivar outros contra-usos foi a subversão de sentido que os próprios apoiadores implantaram. Antes que eu estabelecesse minha intenção de uso, outros mais urgentes me foram sugeridos. Ao colocar em prática todos eles cada vez mais colaboradores foram somando esforços para a reativação do lugar. Reafirmamos, com as palavras de Rancière, que a ação artística

2 Para Leite (2002, p. 122) “um contra-uso” é “capaz não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado, como também de possibilitar que o espaço que resulta das ‘estratégias’ se cinda para dar origem a diferentes lugares, a partir da demarcação sócio-espacial da diferença e das ressignificações que esses contra-usos realizam”.

[...] não é a transmissão do saber ou do sopro do artista ao espectador. É essa terceira coisa de que nenhum deles é proprietário, cujo sentido nenhum deles possui, que se mantém entre eles, afastando qualquer transmissão fiel, qualquer identidade entre causa e efeito” (RANCIÈRE, 2012, p. 19).

O *Plante na Praça* se alocou na Praça Said Chacur de maneira aberta e acolhedora, não propôs tarefas objetivas para os colaboradores, mas inquietações a cada um que era sensível às suas provocações. Essas inquietações foram o adubo, que alimentava as trocas entre os colaboradores, para a construção prática da ação e de seu sentido coletivo.



Figura 3: Lixeira elaborada por Ana e Rosana, frequentadoras da praça, incentivadoras participantes da ação. Detalhe de *Plante na Praça* em 2014. Fonte: Acervo pessoal.

Então, aos moldes dessa ação artística, a emancipação implica a autonomia e a execução de inquietações e desejos. E, para que um broto cresça no *Plante na Praça*, basta que um colaborador coloque em prática seu desejo. Para Deleuze (*apud* ZOURABICHVILI, 2004, p.24) o devir está em contínuo movimento, de mudança e aglutinação. “Desejar é passar por devires”³.

³ Para compreender brevemente o devir de Deleuze (*apud*, ZOURABICHVILI, 2004), podemos imaginar que existem dois “blocos” desejantes, que se encontram e se “desterritorializam” mutuamente. Para se desterritorializar, ou devir outro, cada “bloco” não se descaracteriza completamente do que era, mas também não se transforma em uma imitação do outro. O primeiro “bloco” adquire características do segundo, tornando-se um terceiro “bloco” único, o mesmo acontece com o segundo, tornando-se um quarto “bloco” único. Lembrando que eles estão, e nós também estamos, em contínuo movimento, sempre nos modificando e nos tornando outros.



Figura 4: Encontros de leitura e café nas manhãs de domingo. Detalhe de *Plante na Praça* em 2014. Fonte: Acervo pessoal.

As (des)continuidades e (des)semelhanças entre tantos desejos executados dentro do *Plante na Praça* provavelmente foram causados por esses cruzamentos, essas intensas trocas ou contaminações que surgem da vivência em espaço (com)partilhado. São intensas relações entre indivíduo-indivíduo, a própria ação artística e eu enquanto propositora, contaminações individuais provocadas no coletivo e contaminações coletivas provocadas no indivíduo.

Plante na Praça contribuiu para a minha emancipação enquanto propositora ao entender o quanto é importante que a ação artística colaborativa seja aberta para que exista aceitação e motivação dos participantes para contribuírem de maneira livre, criativa e particular, baseado apenas em suas trocas e sem direcionamento objetivo e limitado; emancipação da própria artisticidade da ação, que consegue se estruturar, resistir e expandir no caos urbano, independente e longe do ambiente fechado da arte institucional, que não a resguarda; e emancipação dos colaboradores como um todo enquanto detentores/utilizadores/modificadores do espaço que frequentam.

6. Micro-ervas-políticas

Deleuze e Guattari (2012) dão exemplos sobre vetores de segmentação de poder nas sociedades e estados, exemplos estes muito pertinentes à flora natural desse artigo-praça. Na prática, todas as sociedades e indivíduos são atravessados pelas modalidades de poder arbóreo e rizomático:

No modelo arbóreo⁴ o poder é único e dominado apenas por uma pessoa, não é dividido. Funciona como em uma árvore, onde todas as raízes, galhos ou ramificações apontam, ligam-se e equilibram-se em apenas um tronco central. As sociedades que tendem a funcionar de maneira semelhante ao modelo de poder arbóreo inibem a ressonância de poderes, o poder é centralizado, os trabalhadores laboram como “peças” edificadoras dessas sociedades trabalham para um cérebro central, para o poder uno.

Na segmentação rizomática⁵ o poder é dividido entre vários centros, possui uma estrutura geométrica ideal e autossuficiente. Funciona como a grama, que possui pequenas folhas e raízes, se espalha e predomina a superfície do solo, se alastra entre a terra e o ar. Por exemplo, o Estado exerce esse tipo de segmentação para manter essa estrutura, se apega à tradição ou alguma ideologia que controla os indivíduos. As medidas ou segmentos se fazem geometricamente equivalentes.

Todas as sociedades possuem, portanto, segmentações duras e flexíveis. O Estado, poder molar (macro), produz linhas de articulação que cuidam para que o mínimo de indivíduos se desgarre dos papéis que desempenham dentro do sistema. A política que o Estado exerce está nos papéis sociais que controlam os indivíduos para que continuem sendo os chefes, os patrões, os empregados, ou autônomos, os professores, os alunos, os padres, os policiais, os desempregados, os funcionários públicos... As linhas de articulação (ideológicas) visam a manter a ordem.

Porém, a segmentaridade rizomática está sujeita a passar por conflitos, subversões moleculares (micro), projeções em linhas de fuga. As linhas de fuga em grande escala, infiltradas e ramificadas dentro do extrato rizomático, propõem novas conexões, são na prática a revolução micropolítica. Uma prática micropolítica

[...] só tomará sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir-mulher, devir-criança, devir-velho, devir-animal, planta, cosmos, devir invivível-tantas maneiras de inventar, de “maquinar” novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura (GUATTARI, 1985, p. 139).

Para Guattari e Rolnik (2008) a micropolítica diz respeito à formação de desejos no campo social. A efetivação de desejos é o que promove a fotossíntese do *Plante na Praça*, e as ações coletivas é o que dão coerência ao conjunto. Colaboradores, anônimos aos olhos da macroestrutura, que se apropriam do espaço social e pouco a pouco, com suas pequenas ações, modificam e ressignificam suas realidades e de quem frequenta esse espaço de maneira geral.

Certeau (2011) escreve sobre a subversão de valores feita pelos menos poderosos, a tomada de microliberdades e a mobilização de microresistências ao esquema-

4 No modelo arbóreo a “primeira raiz da planta origina-se no embrião e é, em geral, chamada raiz primária. Em todas as plantas com sementes, à exceção das monocotiledôneas, a raiz primária é denominada raiz pivotante e cresce diretamente para baixo, dando origem às ramificações ou raízes laterais. As raízes laterais mais velhas são encontradas mais próximas da base da raiz (onde a raiz e o caule se encontram), e as raízes mais novas, mais próximas do ápice radicular. Esse tipo de sistema radicular – isto é, aquele que apresenta uma raiz primária extremamente desenvolvida e suas ramificações – é chamado sistema radicular pivotante” (RAVEN; EVERT; EICHHORN, 2014, p.1037, 1038).

5 Na segmentação rizomática “a raiz primária geralmente tem vida curta, e, assim, o sistema radicular é formado por raízes adventícias, que se formam a partir do caule. Essas raízes de origem caulinar, comumente denominadas raízes adventícias, e suas raízes laterais dão origem ao chamado sistema radicular fasciculado, no qual nenhuma raiz é mais proeminente que as outras” (RAVEN; EVERT; EICHHORN, 2014, p. 1038).

tizar sua teoria de práticas cotidianas. O autor defende que os dominados (não sinônimo de passivos) utilizam táticas de subversão no cotidiano. Por exemplo, dentro de uma estrutura macropolítica, o mais forte é quem define as regras a serviço do seu “poder” e “querer”, aos mais fracos restaria apenas seguir suas ordens. Porém, sugere que os subordinados não necessariamente precisam adotar a mesma postura prescrita pelo poder do mais forte, defende o uso de “engenhosidades do fraco para tirar partido do forte” (CERTEAU, 2011, p.44) e a antidisciplina.

Transpondo o exemplo prático para a nossa realidade, imaginamos que a praça é o ambiente apropriado e reservado para o lazer passivo do cidadão, onde apenas se desfruta o que é oferecido, o que é sugerido pela estrutura. Ao se aliar ao *Plante na Praça*, o cidadão continua com os preceitos de aproveitar o que a praça oferece, mas começa a imaginar mudanças que poderiam melhorar o local para suas práticas de lazer, começa a colocar em ação os seus “quereres” e não mais se disciplinar às possibilidades preestabelecidas, se é que elas existem.

A partir disso, o cidadão vai se servir não apenas dos bancos para se sentar, mas vai imaginar que embaixo da árvore pode ser um bom espaço de leitura, que a praça poderia ter mais sombra e se pode interferir na paisagem plantando, percebe-se a grama como ótima para piqueniques, admite-se também plantar árvores frutíferas e hortas comunitárias para retirar de lá algum alimento, observa-se a existência de um painel de energia que pode ser usado para aparelhagem de som de uma possível comemoração, acolhe-se a possibilidade da praça ser mais iluminada e que poderíamos implantar luzes ou modificá-la pintando alguns lugares (Figura 5). Pode-se utilizar toda a terra disponível para o plantio, a água tratada que sai das torneiras para regar e a mão-de-obra dos visitantes que acolhem a ideia para ajudá-lo na manutenção de seu canteiro ou muda. Com essas ações, conseqüentemente, os cidadãos começam a habitar e a aproveitar a praça.

A antidisciplina está em continuar a desfrutar desse lugar por meio de “camuflagens” fazer usos criativos ou “contra-usos”, assim como queremos que sejam feitos, para além dos usos tradicionais. A “presença e a circulação de uma representação (ensinada [...] por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários” (CERTEAU, 2011, p.39). Em outras palavras, o que é ensinado ou normatizado por políticas públicas não necessariamente será ou deverá ser apreendido ou seguido da mesma maneira pelos cidadãos, eles podem ter diferentes interpretações e utilizar esses espaços de maneira criativa a seu favor, sendo indisciplinados em pequenos gestos, sem desobedecer, mas se aproveitando das pequenas brechas.

Entendo que é partir da “politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2011, p.44), com pequenas ações no dia-a-dia, que produziremos raízes e articulações infiltradas no interior dos sistemas. Essas “ervas daninhas micropolíticas” que naturalmente se alastram alteram e ressignificam a estrutura dos macropoderes, deixa os sujeitos dominadores imaginarem que apenas eles têm “poderes” e “quereres”, mas garantem que também nossos desejos ou necessidades sejam (re)inventados, reivindicados e exercidos por nós mesmos de maneira autônoma.



Figura 5: Colheita de caju por Marlene. O cajueiro voltou a produzir depois da rega, adubação e cuidados. Detalhe de *Plante na Praça* em 2014. Fonte: Acervo pessoal.

7. Considerações finais

Quatro anos e meio após o início do *Plante na Praça*, constatamos materialmente algumas mudanças, tais como a presença de muitas mudas de árvores, principalmente frutíferas, canteiros de flores e plantas medicinais, mais “plantadores”, mais leitores, mais usuários... que permanecem ativos ocupando a praça e que ela continua sendo amplamente visitada. A praça começou a ter maior visibilidade devido à mobilização dos usuários, foi noticiada pela mídia local, por via impressa, rádio, televisão e internet. Com a praça cheia de pessoas, sentiu-se o espaço mais seguro dos problemas urbanos que o abandono pode gerar.

Quanto às instalações físicas da praça, após inúmeros pedidos de reforma pela comunidade, a prefeitura instalou um parquinho infantil de madeira dentro de uma caixa de areia, seis placas de cimento com poesias, lixeiras e alguns novos bancos.

Pode-se dizer que o *Plante na Praça* atingiu as expectativas de sensibilizar o lugar. Além disso, incentivou as pessoas a plantarem suas próprias praças e construí-las da maneira que melhor pudessem partilhar de suas flores e frutos. Acredito que, para além da ação artística, os colaboradores foram estimulados a pensar mais sobre a política dos ambientes partilhados que frequentam, a conversar sobre isso e a produzir por conta própria soluções para melhorar o que gostariam que fosse diferente.

Para Rancière (2012, p.60) “a política é a prática que rompe a ordem da polícia que antevê as relações de poder na própria evidência dos dados sensíveis [...] começa

quando há ruptura na distribuição dos espaços e das competências – e incompetências”. É nesse contexto de distribuição entre as competências de intervir nos lugares que a ação artística que incentiva a emancipação se faz contundente. O *Plante na Praça* incentiva que se discuta e se execute política na Praça Said Chacur e nos espaços de partilha em geral. Incentiva a tomada de consciência de que os espaços públicos devem ser (com)partilhados, que são propriedade comum e que não apenas a prefeitura pode intervir. Incentiva os colaboradores a fugirem dos condicionamentos com relação ao espaço e a interação, faz com que saiam da rotina e utilizem a praça de uma maneira diferente da usual.

Por fim, conclui-se que *Plante na Praça* lida de maneira suave, mas direta, com a política do lugar, lança sementes instigando a reflexão na vivência do dia-a-dia investindo na colheita a longo prazo. Incentiva atos e posturas políticas a quem decide ser atuante contribuindo para que os usuários do lugar se tornem ativos no seu ambiente de lazer, contribui para que eles sejam produtores ativos e fruidores atentos dentro do campo da arte e atuantes na política da cidade.

Referências Bibliográficas

- ARENDT, H. *A condição humana* (Trad. Roberto Raposo). Rio de Janeiro-RJ: Forense-Universitáta, 1987.
- ARENDT, H. *O que é política?* Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz (Trad. Reinaldo Guarany). Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil, 1999.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs v.3* (Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik). São Paulo-SP: Editora 34, 2012.
- FOSTER, H. *O retorno do real: a vanguarda do final do século XX*. São Paulo-SP: Cosac Naify, 2014.
- FREIRE, C. Contexturas: Sobre artistas e/ou antropólogos. In: LAGNADO, L. e PEDROSA, A. (Orgs.) *27ª Bienal Internacional de São Paulo / Como viver junto*. (Catálogo) São Paulo – SP: Fundação Bienal, 2006.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.
- GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo - SP: Brasiliense, 1985.

HUCHET, S. A elasticidade da arte para com a política: breves bases críticas. In: GERALDO, S. G. (Org.). *Trânsitos entre a arte e a política*. Rio de Janeiro – RJ: Quartet: FAPERJ, 2012.

KOHN, C. A ideia de liberdade como práxis política na “teoria da ação comunicativa” de Hannah Arendt. In: BREA, G.; NASCIMENTO, P.; MILOVIC, M. (Orgs.). *Filosofia ou política?* Diálogos com Hannah Arendt. São Paulo-SP: Annablume, 2010.

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In: *Revista brasileira de ciências sociais*, vol. 17, nº 49, Brasil, junho 2002. Disponível em: < http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Proen%C3%A7a_Contra-usos-e-espao-p%C3%BAblico.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2016.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado* (Trad. de Ivone C. Benedetti). São Paulo - SP: WMF Martins Fontes, 2012.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. *Biologia Vegetal*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 8ª ed., 2014.

SZANIECKI, B. Experiências estéticas do comum. . In: GERALDO, S. G. (Org.). *Trânsitos entre a arte e a política*. Rio de Janeiro – RJ: Quartet: FAPERJ, 2012.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze* (Trad. André Telles). Campinas-SP: IF-CH-Unicamp, 2004.

Submetido em: 19/09/2018

Aceito em: 17/02/2019